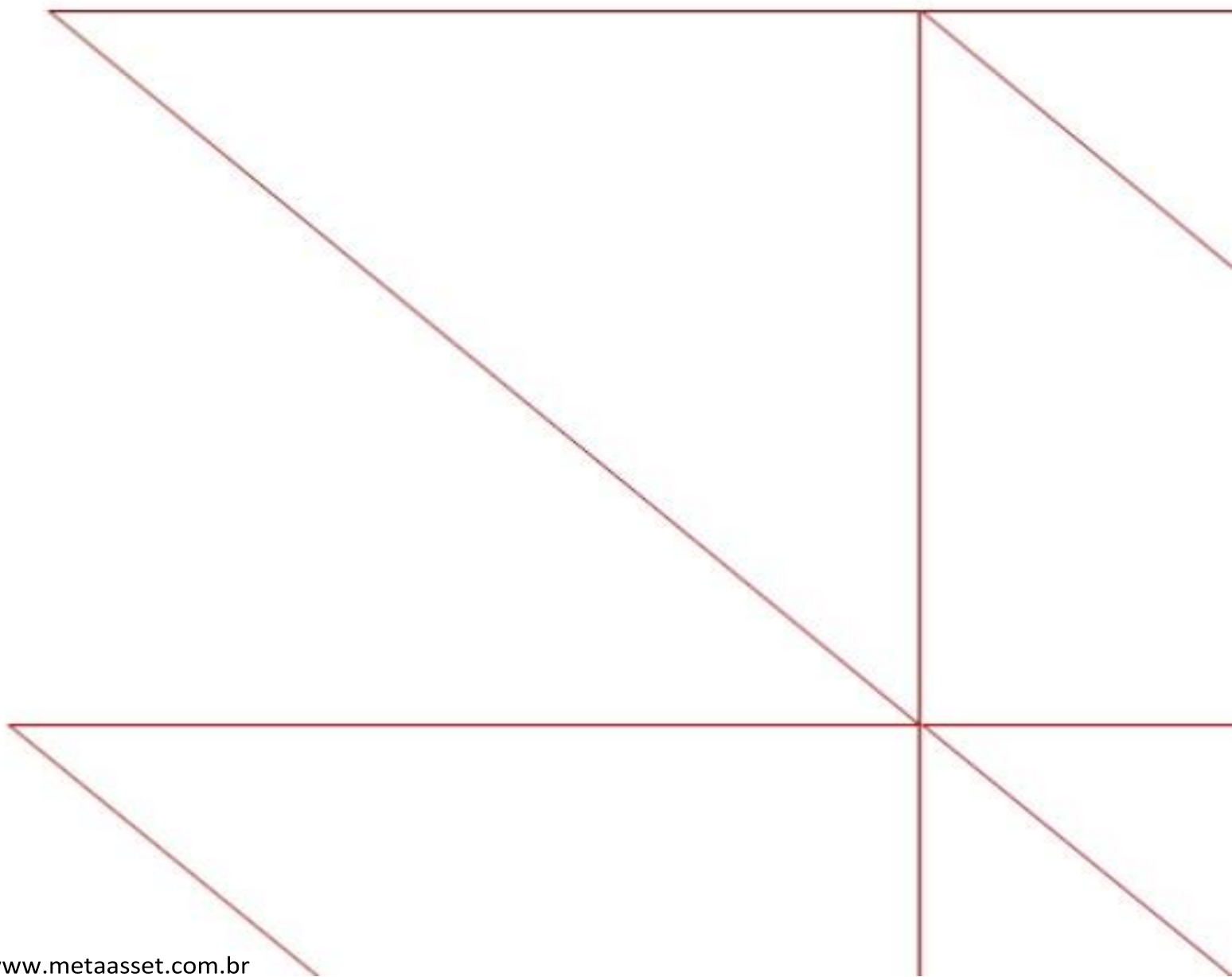


Carta Mensal

Março 2026



Março/2026 – Artigo: Fluxos e a bolsa brasileira – Quem está certo, o estrangeiro ou o brasileiro? Alexandre Póvoa – Revista Capital Aberto

R\$ 53 bilhões de recursos de investidores estrangeiros já entraram, enquanto R\$ 37 bilhões de dinheiro de investidores institucionais já saíram da bolsa (B3) em 2026. Afinal, quem está correto na sua visão sobre o mercado acionário brasileiro?

Estamos apenas no final de março e o ano de 2026, pelo menos para as bolsas, parece como muito mais longo do que o tempo cronológico aponta. Iniciamos janeiro com extremo otimismo nos pregões e estamos terminando março em meio a uma grandiosa volatilidade causada pela guerra EUA/Israel versus Irã. O preço do petróleo oscilou entre US\$ 70 e US\$ 120/barril (batendo US\$ 118 no final do mês), sem sinais aparentes de encontrar um novo ponto de equilíbrio.

Além disso, já aconteceu tanta coisa em três meses, que até a situação fiscal instável e preocupante e uma importante eleição presidencial no final do ano no Brasil estão totalmente esquecidos pelos investidores.

Mas, sem dúvida, o que mais surpreendeu nesse primeiro trimestre foi o enorme (e “imparável”, mesmo com a guerra) fluxo estrangeiro para a bolsa de valores brasileira. Nada menos que R\$ 53 bilhões já entraram em nossos pregões em 2026, contra R\$ 25 bilhões no ano inteiro fechado de 2025. Mais incrível constatar que nem em março, depois da eclosão do conflito, essa entrada refluíu. Pelo contrário, o fluxo mensal de estrangeiros em março para a B3 alcançou a marca de R\$ 11 bilhões positivos.

Enquanto isso, na outra ponta, é impressionante como o investidor local encontra-se completamente “sobrevendido” em renda variável. As pessoas físicas já retiraram R\$ 6 bilhões do mercado acionário nesse ano e em 12 meses o saldo entre compras e vendas é próximo a zero. O que chama mais atenção, porém, são os institucionais (basicamente fundos de pensão, regimes próprios de previdência e seguradoras), que já desinvestiram em ações nada menos que R\$ 37 bilhões em 2026, acumulando uma saída de R\$ 73 bilhões em 12 meses e estratosféricos R\$ 400 bilhões desde começo da pandemia em 2020.

Mas como analisar comportamentos tão díspares desses importantes agentes em relação à bolsa brasileira? Em outras palavras, o que o investidor estrangeiro está enxergando, que o aparentemente pessimista investidor local supostamente não observa em relação às ações locais?

Ou seria o contrário, o investidor local está correto em sua visão e o estrangeiro otimistamente míope?

Na verdade, não existe “certo ou errado” nessa aparente dicotomia. Cada investidor possui seus respectivos incentivos. Cabe ressaltar que aconteceu com o estrangeiro nesse primeiro trimestre não foi um movimento específico para Brasil. Com a elevação da insegurança e de risco advindos do imprevisível Governo Donald Trump, os investidores no mercado norte-americano resolveram investir uma fração maior de sua poupança em mercados emergentes. Não é à toa que o dólar norte-americano se desvalorizou em 4% frente a uma cesta de moedas (índice DXY) em doze meses, mesmo com a eclosão de uma guerra que leva à busca por ativos mais seguros (o ouro, por exemplo, subiu 47% no mesmo período).

Mas por que altas tão relevantes? Mesmo com a queda em março, a bolsa brasileira subiu 15% no ano no primeiro trimestre. A explicação reside na palavra “proporção”. Para se ter um parâmetro, a negociação média diária da Bolsa de Nova York atinge superlativos US\$ 170 bilhões, enquanto na B3 esse número não chega a parques US\$ 7 bilhões/dia. Qualquer fluxo que entra no Brasil (número que parece gigantesco para nós) é como se retirasse um balde de água de uma piscina olímpica (o que é nada para o mercado norte-americano) e se jogasse tudo em um recipiente muito pequeno (o mercado brasileiro, que “transborda”). Por isso, as fortes altas e baixas quando o investidor estrangeiro resolve se movimentar. Não é à toa que 40% do valor de mercado da B3 já estão em mãos estrangeiras.

O Brasil acabou sendo mais beneficiado nesse início de ano pela atratividade de preço relativo comparado a outros emergentes. Além disso, os países asiáticos, pela proximidade geográfica da guerra e por serem mais dependentes do petróleo do Oriente Médio, tiveram seus mercados mais afetados desde então.

Já o investidor brasileiro, que viu o famoso CDI dar uma surra em termos de rentabilidade contra a bolsa desde o Plano Real, tem assistido, nos últimos anos, a uma disparada da taxa SELIC, que saltou de 2% a.a. na pandemia para os atuais 14,75% a.a. Além disso, o custo de oportunidade em renda fixa também se elevou também por conta dos títulos incentivados que, pagando taxas super-atrativas, são isentos de imposto de renda. O que falar dos investidores institucionais, que possuem metas atuariais para cumprir de IPCA + 4/5% a.a e que podem atualmente aplicar suas reservas no longo prazo em títulos públicos que remuneram acima de IPCA + 7% a.a? Como “condenar” os gestores que simplesmente resolvem abandonar as bolsas, na busca de “casar” ativo e passivo atuarial em um horizonte mais largo?

A consequência dessa característica de jabuticaba completamente tupiniquim – alto retorno e baixo risco em renda fixa (excetuando-se casos privados particulares, como o Banco Master) – resulta em um recorde histórico de baixa participação de renda variável no portfólio de todos os investidores locais. Segundo a Anbima, o volume de produtos de ações representa hoje apenas 6% do total da indústria de fundos, mostrando como as pessoas físicas praticamente não querem nem saber de bolsa nas suas carteiras. Já a Abrapp aponta que somente 7% das aplicações de fundos de pensão estão direcionadas à renda variável. Para completar, segundo a Secretaria de Previdência Complementar, nada mais que 8% dos recursos dos regimes próprios de previdência de estados e municípios (RPPSs) estão aplicados em produtos lastreados em ações.

No entanto, parece um contrassenso que instituições (e pessoas físicas com o viés de poupadores), que possuam um passivo de longo prazo, não tenham um percentual ao menos um pouco mais relevante de investimento em ações. Tal política, nos últimos 12 meses, custou mais de 40% de rentabilidade do Ibovespa. Na teoria de Finanças, não há perdão: Deixar de ganhar é conceitualmente igual a perder. É correto afirmar que a teoria da diversificação parece ter sido mais bem aproveitada pelo investidor estrangeiro relativamente ao investidor local nesses últimos tempos. Lembrando que até o investimento em papéis da Petrobras, que vinha sendo ruim nos últimos anos, vem se pagando em 2026, mostrando a força de uma carteira diversificada no longo prazo – seja pela classe do investimento, pela geografia, pelo setor ou pela escolha do ativo específico. Obviamente, uma larga concentração em renda fixa continua sendo o mais recomendável nesse momento, mas o virtual abandono da renda variável, em uma visão de longo prazo, pode custar caro.

A realidade, porém, é que a bolsa brasileira hoje, olhando o copo meio vazio, corre um sério risco porque sua performance recente foi toda alavancada por recursos estrangeiros. Qualquer sinal de piora mais relevante no risco-país ou mundial e/ou melhora mais substancial das perspectivas dos mercados desenvolvidos, pode provocar um refluxo desses investimentos para fora do país e o mercado não teria defesa, dado que o investidor local continua afastado dos pregões.

Porém, sob o prisma oposto do copo meio cheio, a bolsa pode ser ainda uma grande oportunidade, dado que a queda de juros e uma eleição presidencial no final do ano podem significar a volta do fluxo local para a renda variável, considerando que o investidor brasileiro em geral nunca esteve tão “leve” em ações nas suas carteiras. Dentro da psicologia comprovada nos livros de Finanças Comportamentais, a 60 mil pontos de Ibovespa ninguém quer comprar Bolsa em um momento de crise; já a 185 mil pontos, todo mundo mergulha de cabeça sem pensar, se esse custo de

oportunidade de renda fixa cair de forma mais acentuada (é verdade que esse cenário não parece muito provável nesse momento).

2026 ainda promete muitas emoções no mercado acionário, não só no Brasil, mas pelo mundo inteiro.

Mudança de cenário?

O mês de março foi marcado por uma mudança radical de cenário, ao menos no curto prazo, com a deflagração da guerra EUA/Israel versus Irã, com o envolvimento de vários países do Golfo, que acabaram sendo atacados.

O que mais impressionou, além da alta de +66% do petróleo tipo Brent no mês (terminando em US\$ 118/barril, +94% de alta no ano), foi a incrível volatilidade, só comparada nesse século ao período da pandemia e à crise financeira de 2008 – períodos em que o impacto potencial no crescimento mundial também foi bastante questionado.

Figura 1 – Índice OVX – Volatilidade do petróleo



Fonte: CNBC

Porém, se um extraterrestre caísse no Brasil no começo de abril e constatasse que o IBX havia caído apenas 0,64% no mês, iria estranhar: “Afinal, onde está a crise?”.

No entanto, cabe ressaltar que, somando as participações de empresas de petróleo/petroquímica nos índices, o setor contribuiu para aproximadamente +7% no desempenho do Ibovespa e do IBX.

O mês também foi marcado pelas reuniões do FED e do COPOM. O Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês) manteve a taxa dos FED Funds na faixa entre 3,50% e 3,75% ao ano, em uma decisão amplamente esperada pelo mercado. A manutenção de juros ocorreu pela segunda reunião consecutiva, após três reduções seguidas no ano passado - em setembro, outubro e dezembro. No chamado gráfico de pontos divulgado após o encontro, observou-se uma grande divisão entre os diretores que preveem estabilidade do FED fund rate até o final de 2026 e aqueles que estimam mais um corte de 25 pontos-base. O FED continua incomodado pela não convergência da inflação para o objetivo informal de 2% ao ano (o núcleo do PCE, índice preferido pela autoridade monetária, continua flutuando ao redor de 3% anuais). Cabe lembrar, porém, que qualquer previsão sobre o futuro da política monetária norte-americana tornou-se um grande ponto de interrogação, dado que o novo presidente do FED Kevin Warsh assume o posto em maio/26.

Já o COPOM decidiu pelo começo da flexibilização monetária, reduzindo a taxa SELIC de 15% para 14,75% a.a. Apesar do alto risco da disparada do preço do petróleo (que vai certamente impactar a inflação) e a persistência das expectativas inflacionárias (FOCUS) - IPCA em 4,1% para 2026 e 3,8% para 2027 - o BC reconheceu que a desaceleração da atividade já permitiria um começo cauteloso de queda de juros.

No entanto, o tom do comunicado mostra que o “compromisso” assumido de reduzir a taxa SELIC na reunião de março pesou mais do que a preocupação evidente com a guerra, traduzida no último parágrafo abaixo extraído do comunicado pós-reunião.

“No cenário atual, caracterizado por forte aumento da incerteza, o Comitê reafirma serenidade e cautela na condução da política monetária, de forma que os passos futuros do processo de calibração da taxa básica de juros possam incorporar novas informações que aumentem a clareza sobre a profundidade e a extensão dos conflitos no Oriente Médio, assim como seus efeitos diretos e indiretos sobre o nível de preços ao longo do tempo.”

CARTEIRA META VALOR E META 11 SMALL CAP FIA

O fundo Meta Valor caiu - 7,76% no mês de março versus -0,64% do benchmark IBX. Em 12 meses, o fundo sobe +29,34% versus + 43,79% do IBX. Cabe ressaltar que a diferença mensal de 7% entre o desempenho do produto em relação ao seu benchmark é integralmente explicada pelo

peso dos papéis dos setores de petróleo e petroquímico, que optamos por não possuir na carteira.

Mês bastante complicado para as bolsas no mundo inteiro, com o advento da guerra. A disparidade de performances dos produtos de renda variável foi diretamente proporcional à participação de ações do setor de petróleo, afetado pela guerra Irã versus EUA/Israel. Petrobrás ON, por exemplo, subiu 27% no mês. Preferimos manter nossa postura fundamentalista de longo prazo, apostando em papéis que acreditamos que darão um ótimo retorno nos próximos anos. Cabe ressaltar que esse movimento do petróleo, que encerrou o mês próximo a US\$ 120/barril do tipo Brent, nos parece especulativo, podendo refluir já no mês de abril, com os esforços diplomáticos inclusive mediados por terceiros, com Israel, EUA e Irã.

Consideramos que, agora, a relação risco-retorno ficou desfavorável de entrarmos comprando ações no segmento de petróleo. Vamos continuar, de forma resiliente, focando na seleção de boas empresas sempre com o viés de retorno de longo prazo, o que trouxe historicamente bons frutos.

O Meta 11 Small Cap FIA alcançou rentabilidade de -8,38% versus -5,77 % do benchmark SMLL em março/26. No ano de 2026, o desempenho acumulado do fundo é de + 2,90 % versus + 5,75% do SMLL. Em doze meses, produto sobe +31,43% versus + +26,95 % do SMLL. Em 24 meses, o fundo chega a +14,68% versus 9,07% do SMLL. Em 36 meses, a performance do produto é de +47,82% versus +34,10% do SMLL. No Governo Lula, o Meta 11 Small Caps subiu 58,45% versus 25,73% do IBX.

Aproveitamos o enfraquecimento mais forte e injustificado de alguns papéis (depois da divulgação de resultados trimestrais) para reforçarmos posições, dentro de nossa convicção de longo prazo. Acreditamos que os fundos small caps receberão a segunda onda de fluxo estrangeiro, que primeiro veio para as big caps. Estamos bastante confiantes para o ano de 2026, apesar do mês de março bastante negativo para as bolsas. Continuamos acreditando que as ações de baixa capitalização são muito interessantes para capturar a melhora de percepção de risco do mercado brasileiro. Os papéis small caps ficaram bem para trás em termos de performance desde 2025 e podem ser o próximo “cavalo” a andar. Com vistas a dar alguma proteção ao portfólio em relação à guerra, adicionamos ações da Brava Energia, que apresenta também a opcionalidade de ser um alvo de aquisição.

Figura 2: Retorno dos ativos em Março/26

Indicadores	fev/26	mar/26	Variação mês x mês
Bolsas			
Ibovespa	188.787	187.462	-0,70%
IBX	79.785	79.275	-0,64%
SMLL	2.587	2.438	-5,77%
S&P 500	6.879	6.529	-5,09%
Russell 2000	2.632	2.496	-5,17%
Câmbio			
Dólar/Real	5,15	5,22	-1,34%
DXY	97,61	99,96	2,41%
Curva de Juros e Risco-País			
DI Janeiro 2035	13,33%	13,87%	0,54%
NTN-B 2030	7,60%	7,89%	0,29%
NTN-B 2055	6,97%	7,23%	0,25%
Swap DI x Pré 12 meses	13,13%	13,98%	0,85%
CDS Brasil 10 anos	2,13%	2,28%	0,15%
Treasury 2 anos	3,38%	3,79%	0,41%
Treasury 10 anos	3,97%	4,30%	0,33%
Commodities			
Petróleo Brent	71,32	118,35	65,94%
Minério de Ferro	99,75	107,65	7,92%
Soja US\$ (CBOT)	1.171	1.171	0,02%

Fonte: Quantum Axis, S&P Platts, B3, elaboração própria

O mês de março, em todos os mercados, foi quase que integralmente condicionado pela guerra e os seus efeitos no preço do petróleo e, conseqüentemente, nas expectativas de crescimento futuro e inflação, tanto a nível local quanto global.

No mercado de renda variável, os índices mais abrangentes como o IBX (-0,64) e o Ibovespa (-0,70%) acabaram tendo suas quedas amenizadas pela forte alta das ações de petróleo/petroquímica. Estimamos que, diretamente, esses papéis contribuíram por cerca de 7% de alta dos índices. Interessante notar que o índice SMLL (-5,77%), que não tem participação relevante de papéis ligados a petróleo, espelhou mais a performance média das ações brasileiras no mês de março.

O destaque continuou sendo a forte entrada de investidores estrangeiros (+ R\$ 11 bilhões em março) e a saída de R\$ 7 bilhões dos investidores institucionais. Esses movimentos inversos podem ser considerados recorrentes nos últimos tempos.

No mercado de renda fixa local, os investidores foram ajustando, ao longo do mês, a expectativa de uma queda menor na taxa SELIC. Conforme esperávamos (o que foi reforçado pela guerra), o BC começou o ciclo de flexibilização monetária de forma bem cautelosa (0,25% de redução na taxa básica). Com isso, swap de doze meses subiu de 13,13% para 13,98% a.a (+ 85 pontos-base). A discussão agora fica ao redor do ritmo e a extensão do processo de afrouxamento da política monetária daqui por diante. Já por conta de aumento da aversão global, a taxa de DI de dez

anos também subiu fortemente de 13,33% para 13,87% a.a (+ 54 pontos-base).

No mercado de NTN-Bs, se viu concomitantemente uma interrupção no movimento de queda dos cupons, tanto nos títulos mais curtos quanto nos mais longos: 2030 (+ 29 pontos-base, de 7,60% para 7,89% a.a) e 2055 (+ 36 pontos-base, de 6,97% para 7,33% a.a).

A curva de juros das treasuries dos EUA, também foi pressionada pela elevação do preço do petróleo. A taxa da Treasury de 2 anos subiu de 13,38% para 13,79% a.a, enquanto a da Treasury de 10 anos disparou de 3,97% para 4,30% a.a. A Treasury de 30 anos também refletiu o mau humor, saindo de 4,63% para 4,89% a.a.

No mercado de câmbio, o Real foi um dos ativos brasileiros que menos sofreu (-1,34% em relação ao dólar), em um mês em que a moeda norte-americana continuou recuperando terreno em relação a uma cesta internacional de moedas (DXY + 2,41%). Mesmo em um mês de elevação global de aversão a risco, continuou a forte entrada de recursos estrangeiros para a compra de ações (e de países emergentes em geral), o que beneficiou suas respectivas moedas.


Nos mercados de commodities que mais interessam ao Brasil, destaque absoluto para a violenta elevação da cotação do petróleo (+65,9%). O minério-de-ferro também recuperou terreno, subindo +7,92%, muito por conta do receio quanto à interrupção do fluxo de oferta. Já o preço da soja ficou estável a US\$ 1.170.

O Risco-Brasil, representado pelo Credit Default Swap (CDS de 10 anos), refletindo o aumento de aversão a risco global, subiu de 2,13% para 2,28% a.a.

Para o mês de abril/26, há pontos importantes a monitorar. No âmbito mundial, cabe observar diariamente os desdobramentos da Guerra EUA/Israel/Irã, as consequências geopolíticas e o impacto no preço do petróleo e, conseqüentemente, nas expectativas sobre o potencial crescimento mundial futuro. Lembrando que inflação mais alta limita muito o grau de liberdade de flexibilização monetária pelos BCs.

No caso do Brasil, dois aspectos devem ser seguidos. Primeiro, a corrida eleitoral, pesquisas e a definição de candidatos ao pleito presidencial de outubro. A seguir, o comportamento da atividade econômica, fator que pode acelerar ou até interromper a queda de juros pelo COPOM, de acordo com os impactos inflacionários da potencial alta do diesel e dos combustíveis. Cabe lembrar que a banda de alta da política de metas de inflação serve exatamente para acomodar choques de oferta. Porém, o problema é que o chamado núcleo de inflação já está rodando ao redor de 4% a.a., consideravelmente acima da meta de 3% a.a.

Quanto às carteiras, é necessário, nesse momento, avaliar o “quanto já está no preço das ações” o tamanho da aversão a risco e da alta do preço do petróleo. E como um potencial acordo que defina o fim da guerra poderá influenciar novamente os fluxos para ativos de risco. Essa avaliação diária é importante para definirmos a composição do portfólio.

		FLASH REPORT DIVULGAÇÃO DE COTAS							
Fundos de Ações	Data	Valor da Cota	Mês	No Ano	Últimos 12M	PL Atual (mil)	PL Médio 12M (mil)	Estratégia	Data de Início
META VALOR RESP. LIMITADA FIA	31/03/2026	2,90164112	-7,76%	2,98%	29,34%	96.996	97.907	Ações IBrX Ativo	11/04/2006
IBX-100			-0,64%	16,55%	43,79%				
IBOVESPA			-0,70%	16,35%	43,91%				
META 11 SMALL CAP RESP. LIMITADA FIA	31/03/2026	1,18335731	-8,38%	2,90%	31,43%	21.647	22.122	Ações Small Caps Ativo	11/04/2022
Small			-5,77%	5,75%	26,95%				
Total Estratégia Renda Variável						118.643	120.029		
Total AUM						118.643	120.029		

Indicadores	Data	Mês	No Ano	Últimos 12M
CDI	31/03/2026	1,21%	3,41%	14,79%
IPCA	31/03/2026	0,70%	1,03%	3,81%
IBrX - 100	31/03/2026	-4,99%	-4,99%	13,77%
SMLL	31/03/2026	1,77%	10,80%	-11,51%


DATA DE ENVIO	01/04/2026
DATA DE REFERÊNCIA	31/03/2026

As rentabilidades informadas estão líquidas de taxas de administração e performance.

META VALOR
Taxa de Administração: 2,50% a.a.
Taxa de Performance: 20% sobre o ganho que exceder a variação do IBX-100 FECHAMENTO (conceito marca d'água).
Resgate: D+1, D+2.
(* A coluna 12 meses se refere a rentabilidade da cota data base (d-1) dividido pela cota do dia útil equivalente de 12 meses atrás
() A tabela dos últimos 365 dias se refere a rentabilidade da cota data base (d-1) dividido pela cota de 365 dias atrás (d-365)**

META 11 SMALL CAP FIA
Taxa de Administração: 2,50% a.a.
Taxa de Performance: 20% sobre o ganho que exceder a variação do ÍNDICE SMLL FECHAMENTO (conceito marca d'água).
Resgate: D+1, D+2.

Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Para avaliação da performance do fundo de investimento, é recomendável uma análise em um período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Leia o prospecto, o formulário de informações complementares, Lâminas e Regulamento antes de investir. A rentabilidade divulgada não é líquida de



DISCLAIMER

Este material foi desenvolvido pela Meta Asset com caráter meramente informativo e, portanto, não deve ser entendido como oferta, recomendação ou análise de investimento ou ativo, nem constitui uma oferta de serviço ou venda de cotas dos fundos sob gestão.

Parte do conteúdo contido neste documento é relacionado a ativos financeiros investidos pelos fundos de investimento sob gestão da Meta Asset Management. Ressaltamos que as projeções ou estimativas apresentadas podem ter origem em simulações ou modelos proprietários, com o risco de divergirem significativamente dos resultados reais, sendo obtidas a partir de dados estatísticos, modelos probabilísticos e metodologias proprietárias, baseadas em fatos e resultados financeiros obtidos de fontes públicas ou através de relatórios e análises contratados. Como tal, eventuais estimativas ou projeções contidas neste documento servem somente para contextualizar o processo de

decisão de investimentos da Gestora e não expressam, em nenhum momento, promessa ou garantia de retorno ou resultado do portfólio ou de ativos individuais.

Ainda, apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, a Meta Asset Management não declara ou garante a integridade, confiabilidade ou exatidão das informações, as quais podem inclusive ser modificadas sem comunicação, eximindo-se de quaisquer responsabilidades por prejuízos diretos ou indiretos que venham a ocorrer pelo seu uso.

O conteúdo deste documento não pode ser copiado, reproduzido, publicado, retransmitido ou distribuído, no todo ou em parte, por qualquer meio e modo, sem a prévia e expressa autorização, por escrito, da Meta Asset Management através de seus representantes.

Para dúvidas ou esclarecimentos adicionais sobre metodologia, modelos ou de métricas e estimativas relativas às empresas ou ativos investidos contidos neste material, entrar em contato através do e-mail contato@metaam.com.br.

DISCLAIMER

Este material foi desenvolvido pela Meta Asset com caráter meramente informativo e, portanto, não deve ser entendido como oferta, recomendação ou análise de investimento ou ativo, nem constitui uma oferta de serviço ou venda de cotas dos fundos sob gestão.

Parte do conteúdo contido neste documento é relacionado a ativos financeiros investidos pelos fundos de investimento sob gestão da Meta Asset Management. Ressaltamos que as projeções ou estimativas apresentadas podem ter origem em simulações ou modelos proprietários, com o risco de divergirem significativamente dos resultados reais, sendo obtidas a partir de dados estatísticos, modelos probabilísticos e metodologias proprietárias, baseadas em fatos e resultados financeiros obtidos de fontes públicas ou através de relatórios e análises contratados. Como tal, eventuais estimativas ou projeções contidas neste documento servem somente para contextualizar o processo de decisão de investimentos da Gestora e não expressam, em nenhum momento, promessa ou garantia de retorno ou resultado do portfólio ou de ativos individuais.

Ainda, apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, a Meta Asset Management não declara ou garante a integridade, confiabilidade ou exatidão das informações, as quais podem inclusive ser modificadas sem comunicação, eximindo-se de quaisquer responsabilidades por prejuízos diretos ou indiretos que venham a ocorrer pelo seu uso.

O conteúdo deste documento não pode ser copiado, reproduzido, publicado, retransmitido ou distribuído, no todo ou em parte, por qualquer meio e modo, sem a prévia e expressa autorização, por escrito, da Meta Asset Management através de seus representantes.